

Protocolos de leitura e a experiência do ler em contexto digital

Carina Ochi Flexor¹

Resumo

O artigo tem como objeto de investigação a experiência – leitura digital –, tecida em sua própria agência e convocada pelos protocolos de leitura dos livros aplicativos. Considerando a mudança da materialidade histórica do livro e, sobretudo, a quebra do polo de emissão – como atravessamentos da cibercultura que impactam na sua conformação e, conseqüentemente, nas práticas do ler –, o artigo defende a ideia de haver uma condição ontogênica do livro digital que denuncia, na sua própria matéria, novos agentes e protocolos que incidem sobre a experiência da leitura, tensionando, desse modo, as concepções de leitor modelo e empírico. As discussões se desenvolvem a partir das reflexões acerca dos protocolos de leitura de Chartier e das concepções de leitor modelo e empírico de Eco, apontando, enquanto resultados, para o distanciamento do modelo de leitor previsto pelo livro impresso, demonstrando, ainda, que a citada tensão é provocada pelos atuais protocolos da/na leitura. Observa, ainda, que tal tensão é alargada em função do grau de abertura da obra que permite maior nível de participação do leitor durante a experiência leitora. Ademais, aponta para uma espécie de modelização protocolocar que, por sua vez, vem tecendo paulatinamente novos modos de acesso à leitura e, sobretudo, exigindo que os produtos livrescos respondam às expectativas e repertórios alcançados em uma perspectiva mais ampla instaurada culturalmente.

Palavras-chave

Cultura digital, livro aplicativo, protocolos de leitura, leitor modelo e empírico, experiência de leitura.

Reader Protocols and the experience of reading in digital contexts

Abstract

The article aims to investigate the experience – digital reading –, woven in its own agency and convened by the protocols of reading the application books. Considering the change in the historical materiality of the book and, above all, the breaking point of the emission pole – such as cyberculture crossings that impact on its conformation

¹ Carina Ochi Flexor, docente efetiva do Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Sergipe (UFS), doutoranda em Arte e Cultura Visual pela Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: cflexor@gmail.com

and, consequently, the practices of reading – the article defends the idea of having an ontogenetic condition of the book in its own field, new agents and protocols that affect the experience of reading, thus stressing the conceptions of model and empirical reader. The discussions develop from the reflections on Chartier's reading protocols and Eco's model and empirical reader conceptions, pointing, as a result, to the distancing of the reader model predicted by the printed book, further demonstrating that the aforementioned current reading protocols. It also notes that such tension is widened according to the degree of openness of the work that allows a greater level of participation of the reader during the reading experience. In addition, it points to a kind of prototypical modeling that, in turn, has gradually weaved new ways of accessing reading and, above all, requiring that book products respond to the expectations and repertoires achieved in a broader perspective culturally established.

Keywords

Digital culture, application book, reading protocols, model and empirical reader, reading experience.

O contexto da leitura

A cibercultura têm promovido significativas transformações que vão muito além das bases tecnológicas e dos atuais artefatos utilizados para a conformação livresca, fazendo, antes, fluir lógicas próprias a essa cultura, impactando sobre os modos de concepção do livro e, conseqüentemente, sobre o perfil cognitivo dos sujeitos-leitores e, sobretudo, sobre a experiência do ler.

Frente a processos de convergência, autores/editores e leitores interagem de maneiras antes impensadas, participando de fluxos de conteúdos que atravessam múltiplas plataformas, convocando a cooperação de distintos mercados midiáticos e o comportamento dos sujeitos que transitam por toda a parte em busca de experiências de leitura e entretenimento. Tais aspectos presumem que as novas e antigas mídias passam a interagir de formas cada vez mais complexas, apontando para relações possíveis entre o livro impresso e o livro aplicativo e deste último com tantos outros produtos culturais. Ademais, promovem ainda alterações nas relações estabelecidas entre os tradicionais conglomerados e os novos e independentes produtores de conteúdo livresco – além do leitor que também é demandante de aportes de conteúdo – e, sobretudo, marcando a experiência da leitura com o deslocamento dos sujeitos que são incentivados a procurar sempre mais informações e a fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos (JENKINS, 2009). Apontam, ainda, para uma experiência de leitura atravessada pela lógica do entretenimento de tantos outros produtos culturais, requerendo da atividade leitora, hoje, a aceitação tácita de um novo conjunto de regras que convidam o leitor a participar de um complexo ecossistema que não se

esgota no objeto livro, mas que, do contrário, serve apenas de ponte para a imersão em um dado universo narrativo.

Diante desse contexto, o presente artigo tem como objeto de investigação a experiência – leitura digital –, tecida em sua própria agência (MURRAY, 2003) e convocada pelos protocolos de leitura (CHARTIER, 2011) dos livros aplicativos. Considerando a mudança da materialidade histórica do livro e, sobretudo, a quebra do polo de emissão – como atravessamentos da cibercultura que impactam na sua conformação e, conseqüentemente, nas práticas do ler –, o artigo defende a ideia de haver uma condição ontogênica do livro digital que denuncia, na sua própria matéria, novos agentes e protocolos que incidem sobre a experiência da leitura, tensionando, desse modo, as concepções de leitor modelo e empírico (ECO, 1988). Interessa, de outra forma, reconhecer as transformações promovidas no objeto livro problematizando os vestígios inscritos em sua própria objetualidade – e que se apresentam aos sujeitos leitores como índices dados na matéria e postos à leitura. Interessa, ainda, identificar os atuais protocolos de leitura, apontando-os como uma condição do objeto livro aplicativo, reconhecendo-os como um sistema ou ambiência capaz de modelizar, de um modo geral, novos modos de valorar a cultura livresca. De abordagem dedutiva e de caráter qualitativa, a pesquisa se estruturou a partir de investigações exploratórias e pesquisas bibliográficas. De posse dos dados, os passos seguintes foram de análise, síntese e comparação, buscando, sobretudo, identificar as diferenças e contradições levantadas através da pesquisa bibliográfica e empírica, permitindo não só alcançar os resultados aqui explicitados como, também, refletir sobre a amplificação dos questionamentos e vislumbrar novos caminhos de pesquisas.

Desse modo, para além das questões levantadas anteriormente, destaca-se que investigar a experiência da leitura em contexto digital requer, antes, compreender o livro na atualidade a partir de uma perspectiva ontogênica e prospectivamente líquida². Consonante com a cultura do acesso, a matéria livresca vem se (re)configurando não a partir de uma estrutura preconcebida – com baremas estruturais de forma, organização e materialidade rígidos como na cultura livresca impressa –, mas do contrário, a partir de uma estrutura fluida aos distintos suportes que se apresentam e se atualizam a partir da colaboração de múltiplos leitores. De outra forma, observa-se que a natureza da cultura digital não permite mais que se defina tal objeto a partir do suporte sobre o qual se acomoda. Do contrário, o termo digital mais que referente ao meio, diz de um movimento cultural que atravessa não apenas o livro, mas o perfil cognitivo do leitor³ e os respectivos processos de subjetivação presentes quando da interação entre as partes, impactado sobre as práticas de leitura.

Acerca da noção de livro no contexto digital, importa registrar, ainda, que elegeu-se para fins das discussões aqui apresentadas a categoria livro-aplicativo, deixando à margem os livros-arquivos. Essa escolha decorre, fundamentalmente, do fato de que embora abdicuem, temporariamente, do suporte tradicional para se disponibilizarem

na rede, ainda são notáveis, nos livros-arquivos, as marcas identitárias dos meios de produção do livro impresso, resguardando proporções entre as margens, dimensão da página, quebras de parágrafo, hifenações, dentre outras especificidades do impresso. Ademais, reconhecem-se, para além dos aspectos materiais do impresso que se apresentam nos modos de acomodação do conteúdo livresco, instâncias indexicais ao livro tradicional presentes na construção, preponderantemente, linear das narrativas e suas estruturas hierárquicas derivadas de normalizações legitimadoras na cultura do livro impresso. Por outro lado, ao contrário dos livros-arquivos que mantêm em grande medida – quer no nível formal, estrutural ou do conteúdo – para com o impresso vinculações nos aspectos que singularizam a experiência de leitura já consolidada pela cultura livresca, os livros-aplicativos (appbooks) não se restringem, a priori, a formatos nem marcadores indiciais à cultura massiva. Estes, por sua vez, enquadrados no universo dos softwares, carregam o mesmo potencial de desenvolvimento que os jogos eletrônicos ou demais aplicações voltadas ao uso/produção de conteúdo multimídia. Dialogam, em tese, com as linguagens e possibilidades trazidas pelos novos meios, figurando enquanto terreno fértil para se examinar os impactos sobre as práticas e experiências da leitura.

Ainda sobre as transformações sofridas pelo livro na contemporaneidade, observa-se que a relação leitor-livro se estabelece de modo metonímico (FLEXOR, 2012, p. 81), fazendo, por vezes, ofuscar notáveis diferenças entre os objetos para os quais o símbolo do livro digital aponta, como hardware, softwares de leitura (e-readers), livros-arquivos e livros aplicativos (appbooks), uma vez que é a interface gráfica dos múltiplos artefatos que assume a porção aparentemente tangível da manifestação livresca. Alicerçados no que é dado a ver nessas interfaces, os produtos disponíveis em lojas virtuais parecem apontar muito mais para resultados experimentais de tentativas de solucionar a crise da materialidade livresca⁴, que produtos legítimos e nativos de uma cultura digital propriamente dita. Diz-se isso, pois, observa-se um número muito superior de appbooks em estágio⁵ de transposição e transfiguração do que em estágio de transdução. Tal questão indica, inclusive, os distintos graus de abertura das obras e, conseqüentemente, o nível de tensionamentos aqui em discussão.

De outra maneira, percebe-se então, que os dispositivos interfaciais assumem, assim, papel relevante, dada a tangibilidade da matéria livresca, contribuindo para o estreitamento entre o ambiente virtual e o leitor, diluindo as barreiras perceptivas, promovendo uma experiência que parece estabelecer o contato direto com a informação (ROCHA, 2009). Nesse contexto, então, e diante da citada crise da materialidade do livro, nota-se a relevância dos protocolos de leitura propostos por Chartier (2011) frente às atuais conformações livrescas que, por sua vez, impactam sobre os atuais modos de ler.

Protocolos da/na leitura e protocolos do sistema-livro

Desenvolver uma pesquisa acerca da experiência da leitura em contextos digitais e a consequente constituição de um modelo de leitor do livro aplicativo é, antes, compreender que livro e leitura formam um binômio indissociável e que, sobretudo, o livro impresso moldou-se a partir da lógica da escrita. Assim, constituído através de um jogo permeado por tensões que acabou por elevar o livro impresso a um patamar hegemônico e a escrita a um grau de verdade, a experiência da leitura, em certa medida, se manifestou prática submissa. Impossível seria lançar um olhar sobre a referida pragmática na contemporaneidade, como pretende o presente trabalho, sem com isso, revirar os baús de outrora que fizeram do ato do ler espelho, reflexo do pensamento ocidental.

Se por um lado, é preciso reconhecer que estabelecer um vínculo sinonímico entre o livro impresso e o livro digital provoca conflitos nas bases valorativas político-ideológicas, por outro, identifica-se que são, justamente, essas bases que, durante a medievalidade até a modernidade, cristalizaram o livro enquanto um objeto dotado de autoridade, linearidade, fisicalidade e, sobretudo, que acabaram por circunscrever as experiências leitoras em um *corpus* próprio.

Ao se tomar o códice cristão, enquanto modelo-tabu para o enfrentamento do fenômeno do livro digital contemporâneo, depara-se com a justaposição entre diagramas socioculturais organizados a partir de paradigmas muito distintos. Entretanto, conforme afirma Darnton (2010, p. 13), embora o estudo da história do livro não possa ser aplicado diretamente em circunstâncias do presente, a imersão no passado é capaz de proporcionar uma perspectiva útil para eventos do presente e do futuro.

Assim, apesar de se identificar que são, livro impresso e livro digital, faces distintas de um mesmo fenômeno, reconhece-se também a relevância de se mapear o *corpus* de antigas atitudes diante da experiência da leitura que, muito embora suas diferentes formas se configurem no interior de práticas datadas, servem sim para se pensar a relação livro-leitura, de outra maneira, a experiência leitora, como um processo.

Se a experiência (DEWEY, 2010), incluindo a de leitura, não tem começo nem fim, mas segue, outrossim, um fluxo apreendido através de nossos sentidos em um movimento de estabelecer e expandir certos padrões nas ações, cabe, então, reconhecer as atitudes atuais enquanto processo evolutivo, que derivam, antes, de experiências que circunscreveram as práticas da leitura do livro impresso. De acordo com Dewey (2010), a noção de experiência parte do vínculo, físico e social, que se estabelece entre um sujeito e o ambiente no qual se insere, outrossim, toda experiência modificada ocorre pelo meio, tornando o processo contínuo de recriações dos elementos envolvidos.

É, então, nessa perspectiva que o presente trabalho debruçou-se inicialmente a investigar, na tentativa de evitar o obinubilamento crítico provocado pelo deslumbramento natural dos adventos tecnológicos e recursos técnicos, as noções de protocolos

de leitura propostos por Chartier (2011) acerca do livro impresso, buscando, sobretudo, identificar os atuais protocolos ensejados pelos livros aplicativos, reconhecendo, dessa forma, não só a materialidade do livro atual como propulsora de transformações na experiência da leitura digital, como também os distintos sujeitos envolvidos na produção livresca e, por isso, demandantes de vestígios endereçados aos leitores.

Do ponto de vista historiográfico – reconhecendo o estágio atual das práticas de leitura enquanto um processo, um *continuum* – pôde-se observar a existência, conforme registra Chartier (2011), de duas correntes que se dedicam à questão da leitura. A primeira, ignora os suportes da leitura, tomando o texto como portador de sentido, sendo indiferente a sua materialidade. Essa perspectiva, não só anula as interferências da matéria sobre o ler, como também desconsidera a prática leitora como uma ação inventiva e transformadora, “...como se o sentido desejado pelo seu autor devesse inscrever-se com toda imediatez e transparência sem resistência nem desvio, no espírito de seus leitores” (CHARTIER, 2011, p.78). Esse olhar também desconsidera, como complementa o autor, que os atos de leitura que dão aos textos significações plurais e móveis situam-se no encontro das maneiras de ler, coletivas ou individuais, íntimas ou públicas e de *protocolos de leitura* depositados no objeto lido, não somente pelo autor, mas também por seu editor. O autor afirma que são, justamente, esses *protocolos de leitura* que trabalham para imprimir no texto a imagem do que ele denomina de leitor ideal e que Eco (1999) batizou de leitor modelo. De outra forma, o leitor ideal, diferente do leitor real, é construído frente à produção do texto (*protocolos do autor*) e da produção do livro (*protocolos do editor*), evidenciando aí, não só os vínculos dos atores envolvidos – autor/editor/leitor –, como, sobretudo, a relação escrita/suporte-técnica/leitura que corroboram não só para a produção de sentido, mas, sobretudo, para a experiência do ler.

Outrossim, Chartier (2011, p. 10) propõe descobrir na matéria a ser lida a existência de certos vestígios que o autor denomina *protocolos de leitura*, capazes de encaminhar as condutas leitoras, destacando a existência de uma conjunto de dispositivos para experiência do ler que conduzem ao uso adequado da matéria de leitura, ao mesmo tempo que esboça o seu leitor ideal. Como dito, existem, para o autor, dois tipos de *protocolos de leitura*. O primeiro que diz respeito aos elementos que dado autor dissemina pelo texto de modo a assegurar, ou ao menos indicar, “a correta interpretação que se deveria dar a ele”. Poder-se-ia dizer que tais *protocolos de leitura* inscrevem no texto a imagem de um leitor ideal, cuja competência adequada decodificaria o sentido preciso com que o autor pretendeu escrevê-lo.

Outro tipo de protocolo que interessa a Chartier (2011) é o que se produz na própria matéria, em geral de responsabilidade do editor, de modo a favorecer certa extensão da leitura e a caracterizar o seu leitor ideal, que não se assemelha, geralmente, àquele originalmente suposto pelo autor. Pelo contrário, como o próprio autor salienta, mesmo nos dias atuais, há um distanciamento dos protocolos chamados de autor e editor

nos livros impressos. Enfim, o que os protocolos de edição ou impressão evidenciam é que a reflexão a propósito do suporte material é fundamental para a determinação da efetuação nas práticas e experiências de leitura. A materialidade do suporte passa a ser, conforme o próprio autor registra, inalienável do espírito das representações a que seus usos deram margem.

Considerando tais perspectivas teóricas e observando os aspectos particulares de conformação do livro-aplicativo, pode-se afirmar que o objeto livresco contemporâneo se estrutura a partir da colaboração de outros agentes – além do autor e editor –, que, por sua vez, endereçam vestígios ou protocolos, como instruções dadas na matéria, que direcionam os modos de ler em contexto digital.

No atual cenário, então, acerca dos protocolos do autor, pode-se destacar o impacto da lógica em rede e dos textos multilineares e de estruturas multimodais que atribuem à imagem *status* e janela de acesso ou de acionamento do sistema. Estas estruturas, de base da linguagem, apontam para uma pronunciada alteração nos modos de ler, visto que cada linguagem advoga de uma lógica leitora. Para além, os hipertextos apontam para uma mudança drástica, inclusive, nos modos de pensar. A conformação de narrativas transmídia, por sua vez, exige, não só habilidades específicas dos leitores, mas sobretudo, dos autores, ou mesmo, dos leitores-escritores. Ademais, reconhece-se aqui também a existência de novos vestígios, estes agora demarcados por múltiplos leitores e endereçados e tantos outros. Pode-se, então, inferir que o objeto livresco digital é, antes, demarcado por *protocolos da/na leitura*, vestígios demarcados pelo aporte de conteúdo de distintos leitores que são convocados a participar, ativa ou passivamente⁶ da construção das narrativas, interagindo, inclusive, entre si.

Acerca dos protocolos de edição, nota-se o impacto da mudança do suporte e a presentificação da matéria livresca através das interfaces gráficas. Estas, em uma crescente de avanços tecnológicos, veem se configurando de modo a apresentar-se “invisível” – ou camuflada, escondida –, possibilitando que os usuários concentrem suas energias na execução da tarefa e não na compreensão da interface ou do sistema.” (ROCHA, 2009, p. 8). Esse contexto passa, então, a promover a construção de lanços distintos daqueles efetivados entre livro impresso e o leitor. Estas superfícies passam a requer *affordances* específicos, o que torna fundamental a compreensão de quais informações disponíveis para o usuário são efetivamente percebidas e contribuem para a regulação do seu comportamento. Ademais, o fato da interface gráfica recobrir códigos de programação, denuncia, já de antemão, uma novidade ao universo do livro e que, claro, também impacta sobre a leitura. O ofuscamento, promovido pelo encantamento dado pela experiência mediada por interfaces cognitivas (Rocha, 2009), então, faz do livro digital, antes, uma prescrição (FLUSSER, 2010) que, por sua vez, também implica em vestígios que ajudam a construir o leitor modelo. De outra forma, ressalta-se o fato de que, enquanto *software*, os livros-aplicativos são parametrizados

por protocolos de programação que, por sua vez, se mostram enquanto índices da matéria para o leitor que ele ajuda a construir. Nessa perspectiva, então, observa-se a existência de *protocolos do sistema-livro*, ou seja, os vestígios agora demarcados pelo programador que também impactam sobre a experiência do ler.

Diante desse cenário, então, identifica-se que a ruptura da materialidade histórica do livro e, sobretudo, a quebra do polo de emissão – atravessamentos da cultura pós-massiva que impactam na conformação do livro digital aplicativo –, ensejam novos protocolos de leitura e, conseqüentemente, acabam prevendo ou ajudando a construir um modelo de leitor bem distinto daquele vinculado ao livro impresso. Notadamente, diante do espectro de desenvolvimento livresco observado atualmente – que faz transitar produtos em estágio de transposição à transdução –, pode-se afirmar também que além de prever um novo modelo de leitor, o livro-aplicativo, ainda, em função dos estágios e aberturas da obra à participação, implicam em um maior ou menor tensionamento entre as noções de leitor modelo e empírico.

Se na cultura impressa Chartier (2011) reconhece, fundamentalmente, os protocolos do autor e do editor, como vestígios dados na matéria que corroboram para a constituição do leitor ideal ou modelo (Eco, 1988), o livro-aplicativo parece prever parâmetros outros, reivindicando, potencialmente, a colaboração do leitor na sua confecção, agora, com aportes de conteúdo e não apenas na produção de sentido. Observa-se em um processo de destotalização (Lévy, 2009) que as narrativas contemporâneas não mais se encerram nos vestígios dados pelo autor e pelo editor, em textos impressos e fixos, mas, do contrário, acompanham a fluidez da sua materialidade que é integrada aos atuais fluxos informacionais que contam, sobretudo, com os sistemáticos aportes de conteúdo, em especial, do sujeito que lê. Notadamente, infere-se que as interfaces gráficas, em sua agência (Murray, 2003), convocam a participação e, por vezes, a colaboração do leitor, tornando-o, então, sujeito ativo no processo de construção do modelo de leitor previsto pelo *software-livro*.

Assim, a gênese das mudanças instauradas no atual cenário parece, de outra forma, apontar para a materialidade do objeto livresco – artefato tecnológico e, em especial, modos de apresentação nas interfaces gráficas – e para os emergentes fluxos que são renovados. Observa-se que os citados protocolos antes implicam uma condição ontológica, uma ambiência que modeliza novos modos de valorar, como um todo, a cultura livresca, propiciando, nesse sentido, o surgimento de uma infraestrutura específica que possibilita não só a leitura e a escrita, mas também, por exemplo, gerar uma complexa cartografia de hábitos e práticas individuais de consumo.

Considerações finais

Fortalecendo, ao longo do tempo, os lastros culturais que o elevaram à condição de referência, o livro impresso fez internalizar práticas e protocolos de leitura (Chartier, 2011) que viriam a determinar a relação livro-leitor, bem como a conformação do mo-

delo de leitor, ao longo das formações culturais hodiernas. De outra forma, o objeto livresco inscreve em si a modelização de leitor que o particulariza.

Entretanto, o livro mediado por dispositivos digitais, ao relativizar o papel do suporte, rompe os antigos baremas de identificação da informação a partir da forma, passando a exigir do leitor, principalmente diante de narrativas colaborativas e transmídia, que se desdobram em múltiplos caminhos e plataformas, uma postura bem distinta daquela citada por Santaella (2004) como contemplativa. No cenário atual, o livro se emancipa dos baremas que o constituíram ao longo da história e a escrita transmuta-se em hipertexto, passando a se presentificar na atualização de interfaces gráficas, reconfigurando-se a cada intervenção do leitor/usuário do sistema.

Destaca-se também que a longa história da leitura evidencia que as transformações na ordem das práticas são, muitas vezes, mais lentas do que evoluções tecnológicas e estão sempre em descompasso com estas. Os hábitos de leitura atuais não surgiram imediatamente após a invenção da imprensa e, por isso mesmo, as lógicas intelectuais vinculadas aos textos impressos persistem em face das atuais formas de leitura, mesmo quando a própria noção de livro ou mesmo de texto são questionadas. Outrossim, ainda existem significativas lacunas entre a presença dos livros aplicativos e a realidade das práticas da leitura, uma vez que estas últimas permanecem fortemente vinculadas às práticas derivadas da cultura do impresso, explorando parcialmente as possibilidades oferecidas pelo contexto livresco contemporâneo. Entretanto, mesmo que lentamente, a informação livresca presentificada em distintos e múltiplos artefatos tecnológicos de uso cotidiano e individual do sujeito parece arrancar o leitor – de uma noção temporal linear que se reforçava no desenrolar do texto, por entre o passar das páginas de um livro – da zona de conforto, fazendo-o abandonar, aos poucos, as antigas estratégias que parametrizavam a experiência de leitura até então consolidadas pela cultura impressa.

Deastaca-se, ainda, que a atual modalidade de livro pressupõe não somente um rearranjo nos modos de apresentação mas, essencialmente, no ato da leitura que, por sua vez, tece paulatinamente no seio da cultura, a citada modelização protocolar. Não obstante, observa-se que tal modelização acaba por direcionar os atuais modos de acesso – como uma espécie de antevisão –, norteando a experiência de leitura e, sobretudo, exigindo que os produtos livrescos respondam às expectativas e repertórios alcançados em uma perspectiva mais ampla instaurada culturalmente.

Por fim, vê-se, então, que as tecnologias não somente podem como, muitas vezes, interferem diretamente na forma de pensar de um época, mobilizando modelos específicos, em um contexto geral, de experiência.

Notas

² O termo líquido é usado aqui em referência a metáfora de liquidez do suporte digital.

MAIO
9-11
UFG/BR

³ Faz-se aqui referência aos perfis cognitivos demarcados no livro “Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo”, de autoria de Lúcia Santaella.

⁴ A expressão “crise da materialidade” aqui utilizada faz, antes, referência à crise dos modelos tradicionais de apresentação analógica do livro tradicional. Entretanto, a citada expressão não se posiciona contra o pensamento de Lévy (1999), de que os objetos da cibercultura não se desmaterializam, antes se virtualizam, visto que ainda sim precisam se materializar para serem acessados, através das interfaces gráficas dos distintos dispositivos computacionais.

⁵ Faz-se referência aos três estágios de desenvolvimento livresco, a saber: transposição, transfiguração e transdução proposto por Flexor (2012).

⁶ Ao se falar em participação do leitor, pretende-se fazer referência à orientação enciclopédica da sociedade do big data, que torna o leitor um sujeito ativo – ele querendo ou não –, como uma espécie de leitor-escritor. O leitor produz não só informações intencionais (produção ativa), como a publicação de informações em redes sociais, por exemplo –, como também um sem fim de informações através de geolocalização, preferências dadas a partir de likes etc (produção passiva).

Referências

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CORDEIRO, Luciana Zenha. **Leitura na tela: estudo exploratório de práticas de leitura na Internet**. Belo Horizonte: Faculdade de Educação/UFG, 2001.

ECO, Umberto. **Lector in fabula**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

_____. **Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas**. Trad.: Giovanni Cutolo. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

_____. **Os limites da interpretação**. Trad.: Pérola de Carvalho. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Record, 2010.

GARCIA, Gabriel. Info Online. **Pioneiro da internet alerta para “Idade das Trevas digital”**. Revista Exame. Tecnologia, São Paulo, 13 fev. 2015. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/pioneira-da-internet-alerta-para-idade-das-trevas-digital>. Acesso em: 22.fev. 2016.

FLEXOR, Carina O. **Appbook Raízes: bibliogênese e devir livro**. 2012. 180 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Curso de Pós-Graduação em Cultura Visual.

FLUSSER, Vilém. **A filosofia da caixa preta**. São Paulo: Hucitec, 1985.

MAIO
9-11
UFG/BR

_____. **O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade.** São Paulo: Annablume, 2008.

_____. **A escrita: há futuro para a escrita?** São Paulo: Annablume, 2010.

JENKINS, Henry. **A cultura da convergência.** Tradução Suzana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009.

_____. **Creating value and meaning in a networked culture.** London: New York University Press, 2012.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **As tecnologias da inteligência.** São Paulo: Editora 34, 1993.

LYONS, Martyn. **Livros: uma história viva.** São Paulo: SENAC, 2011.

MACHADO, Arlindo. **Fim do livro?** Estudos Avançados, São Paulo, v. 8, n. 21, mai-ago., p. 211-214, 1994.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura.** São Paulo: Companhia das letras, 2010.

MARTIN, Henry-Jean; FEBVRE, Lucien. **O aparecimento do livro.** Tradução de Fúlvia M. L. Moretto, Guacira Marcondes Machado. São Paulo: HUCITEC/UNESP, 1992.

MARTIN, Henri-Jean. **History and power of writing.** Tradução Lydia G. Cochrane. Chicago: University Press, 1995.

MURRAY, Jane H. **Hamlet no Holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço.** Tradução Elissa Khoury Daher, Marcelo Fernandez Cuzziol. São Paulo: Itaú Cultural/UNESP, 2003.

OLIVEIRA, Danusa. **O escritor e o leitor na era digital à luz de Flusser.** São Paulo. de Brasília, 2009.

ROCHA, Cleomar. **Metáfora, metonímias e outras velhas figuras de linguagem na poética tecnológica.** Suzete Venturelli (Org.). Brasília, 2009.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço: perfil cognitivo do leitor imersivo.** São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **Da cultura das mídias à cibercultura: o advento pós-humano.** Revista Famecos. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação.** São Paulo: Paulus, 2013.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** São Paulo: Cultrix, 1996.
